

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

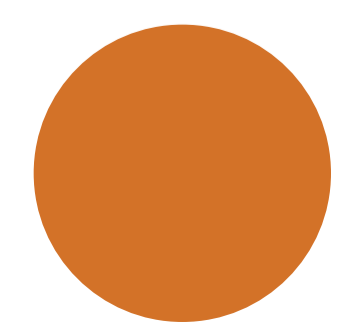
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

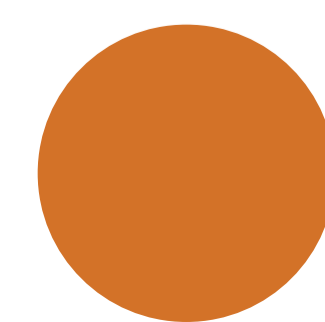
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

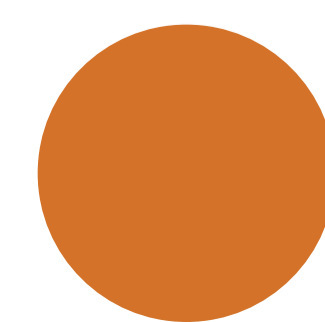
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

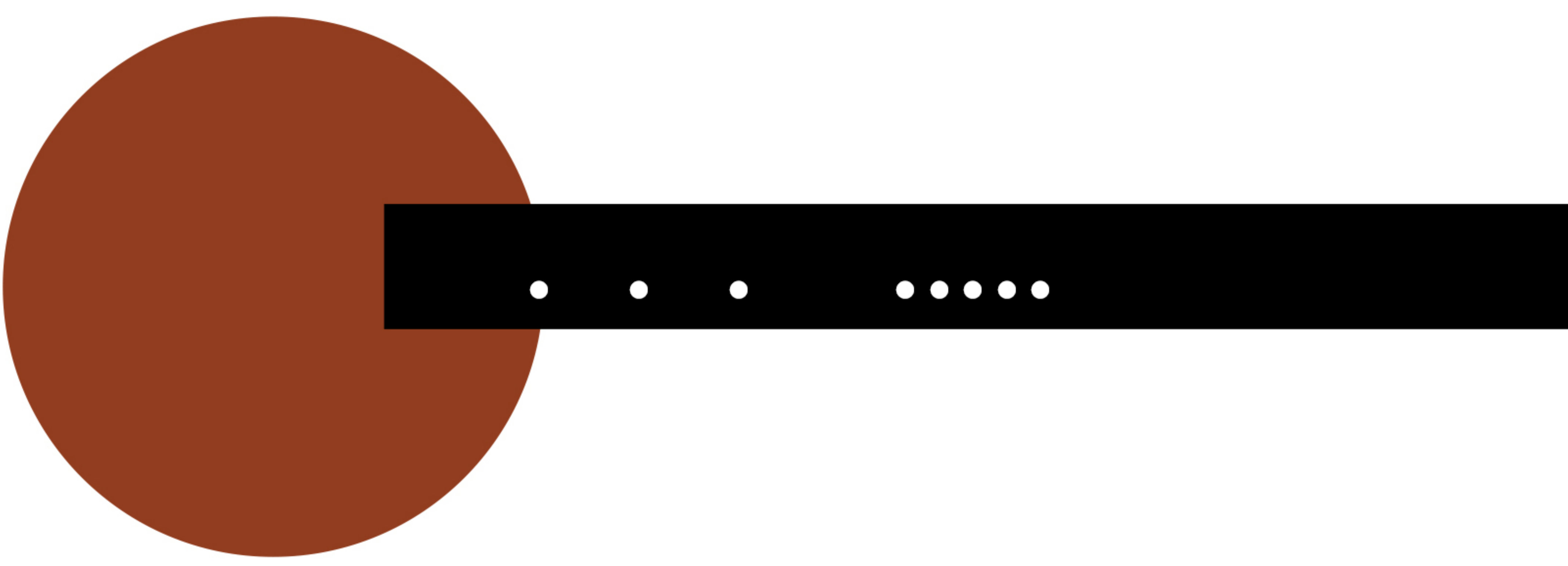
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 2
e o **CORPO,**
ARTES DA CENA
E EPISTEME



.....

ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS

Flávio Campos (UFSM)¹

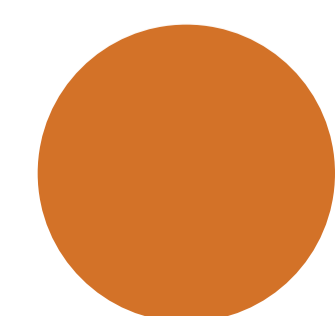
Katya Gualter (UFRJ)²

__RESUMO

A presente comunicação pretende compartilhar uma troca de cartas entre os artistas docentes, pesquisadores e gestores da Dança Katya Gualter e Flávio Campos. A troca gira em torno das inquietações originadas nesses tempos de distanciamento social, em virtude da pandemia COVID-19, nos impelindo ao trabalho, ao ensino, enfim, à Vida via remota. A linha limítrofe entre “a casa” e “o trabalho” vem se tornando demasiadamente tênue, na medida em que, a cada dia vem ficando mais difícil separar

¹ Flávio Campos Braga/Nome artístico: Flávio Campos. Homem branco, bissexual. Doutor em Artes da Cena pela UNICAMP. Bailarino-pesquisador-intérprete. Docente Pesquisador do Curso de Dança e do Laboratório BPI da UFSM. Coordenador do Grupo de Pesquisadores em Dança da ABRACE. Responsável pelo Grupo de Pesquisa (CNPq) Processo BPI: formação e criação em Dança do Brasil. Integrante do Núcleo BPI e do Grupo de Pesquisa BPI e a Dança do Brasil, sediados na UNICAMP.

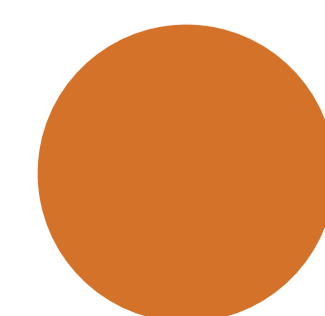
² Katya Souza Gualter/Nome artístico: Katya Gualter. Mulher preta. Doutora em Artes da Cena pela UNICAMP. Diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. Artista docente e pesquisadora da Dança/UFRJ. Coordenadora do Laboratório PECDAN (PEsquisa em Cinema e Dança)/UFRJ - Projeto Poéticas no cotidiano sob olhares de Exu e Pombagira. Integrante do GrupAR. Vice coordenadora do Grupo de Pesquisadores em Dança da ABRACE



uma ambiência da outra. À tais inquietações somam-se ainda, e com a mesma intensidade extrema, mobilizações pelas múltiplas e potentes presenças que interagem nas Vidas Dançantes, abrindo porosidades para uma multiplicidade de danças despertadas em campos de experimentação, que integram Arte, Pedagogia, Pesquisa e Gestão, no exercício da criação. Observamos que, o exercício da criação, assim instituído, concorre substancialmente para a reversão do quadro político ora instaurado, o qual vem implicando em prejuízos letais e irreversíveis para a Saúde Pública no país, matando e adoecendo, de modo perverso, milhares de cidadãos e a Universidade Pública Brasileira. Buscamos promover partilhas que geram, concretamente, espaços de falas e escutas de e para todos os Corpos em suas múltiplas diversidades de etnias, morfologias, gêneros, aspectos geracionais, necessidades específicas, maneiras acadêmicas e não acadêmicas de produzir conhecimento, rompendo assim, com formas tradicionais e contemporâneas de manter dinâmicas colonialistas e excludentes.

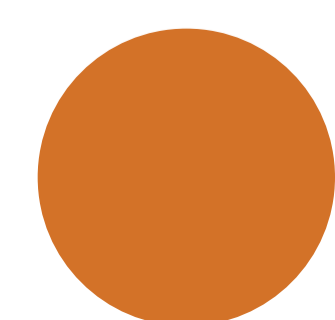
__PALAVRAS CHAVE

Partilhas, Criação, Corpos Múltiplos, Pandemia



__ABSTRACT

This communication intends to share an exchange of letters between dance artists, researchers and managers of Dance Katya Gualter and Flávio Campos. The exchange revolves around their concerns originated in these times of social distance, due to the pandemic COVID-19, impelling us to work, education, in short, to Life via remote. The borderline between “the house” and “the work” has become too thin, as each day it is becoming more difficult to separate one ambience from the other. To these concerns are added and with the same extreme degree of intensity, their mobilizations due to the multiple and powerful presences that interact in their Dancing Lives, opening porosities for a multiplicity of dances awakened in fields of experimentation, which integrate Art, Pedagogy, Research and Management, in the exercise of creation. We observe that the exercise of creation, thus instituted, substantially contributes to the reversal of the political framework now established, which has resulted in lethal and irreversible damage to Public Health in the country, killing and sickening, perversely, thousands of citizens and the Brazilian Public University. We seek to promote sharing that concretely generate spaces for speeches and listening to and from all the Bodies in their multiple diversity of ethnicities, morphologies, genders, generational aspects, specific needs, academic and non-



academic ways of producing knowledge, thus breaking, with forms traditional and contemporary to maintain colonialist and excluding dynamics.

__KEYWORDS

Sharing, Creation, Multiple Bodies, Pandemic

e-CARTA nº1

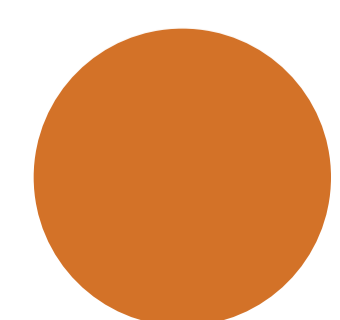
Santa Maria, 30 de setembro de 2020

Querida Katya,

espero que minha mensagem possa lhe encontrar com saúde e segurança!

Escrevo para lhe propor o início de uma troca mais pontual em nossas investigações e aprendizagens contínuas para este momento de pandemia que nos assola.

Como já havia compartilhado com você, numa dessas muitas conversas, tenho um grande interesse em me aproximar mais do seu Grupo de Estudos e Trabalhos sediados na UFRJ.



Nós já conversamos um pouco sobre as suas atuações e os desdobramentos dos seus projetos, mas dadas as urgências e demandas que parecem nunca cessar, acabamos por não conseguir aprofundar o nosso diálogo e entrelaçar os fios e contas que já temos desenrolados.

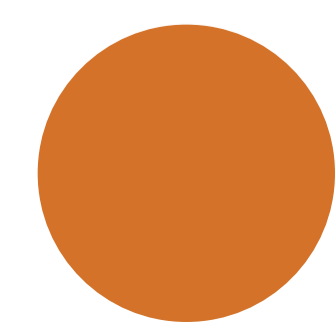
Então, diante da nossa ideia, para este texto, início nosso diálogo pedindo para que você me conte um pouco mais sobre o seu Grupo de Pesquisa e Estudo. Verdade seja dita, agora, enquanto escrevo, fiquei na dúvida se assim mesmo que você se refere e nomeia o coletivo coordenado por você.

Penso que para darmos o pontapé nesta nossa proposta de texto, seja interessante fazermos estas apresentações.

Lembro, também, que nos conhecemos na UNICAMP. Você estava desenvolvendo seu projeto de doutorado, sob a orientação do Prof. Dr. Eusébio Lobo, enquanto eu estava recém chegando na pós-graduação com o projeto de mestrado sob a orientação da Profa. Dra. Graziela Rodrigues.

Tivemos uma empatia e afinidade logo de cara e, desde então, seguimos compartilhando nossas impressões, perspectivas, fazeres e dúvidas.

De minha parte, sou muito grato pela sua atenção e



por todo o compartilhamento até o momento.

Espero que ao fim desta empreitada, possamos realizar trocas ainda mais efetivas e, oxalá, possamos estar juntos fazendo pesquisas nos terreiros Brasil à dentro!

Findo por aqui minha primeira e-carta! E fico aguardando seu retorno para seguirmos.

Com meu afeto, carinho e saudade,

Flávio Campos

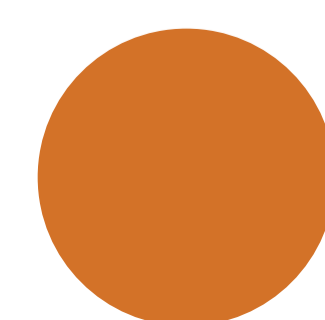
e-CARTA nº2

Rio de Janeiro, 01 de outubro de 2020.

Bom dia caríssimo Flavio!

Agradeço a você meu queridíssimo FláviE pelo email carinhoso que contrai essa distância tão cruel impelida pela pandemia devastadora COVID-19. Recebo com o coração repleto de amor, notícias boas de/sobre você e a sua linda família, agraciada pelos potenciais revolucionários, marcantes e dóceis de Lidia, Ananda e do pequeno grande Nelson.

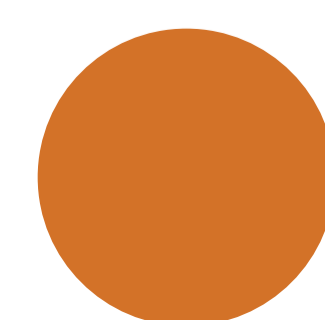
Primeiramente, devo dizer que passei a ser mais feliz e integrada nas minhas relações no/com os diversos Mundos



simbólicos pelos quais transito, depois que nos conhecemos e nos aproximamos, no meu processo de doutoramento orientado por Eusebio Lobo e no seu processo de mestrado orientado por Graziela Rodrigues. Hoje, com toda a minha admiração, reconhecimento e respeito por esses grandes Mestres e Orientadores, me refiro a ele e a ela como amigo e amiga que se tornaram para nós dois, assim como eu e você. JuntEs, tecemos e tonificamos as nossas teias de afeto nos Encontros da Vida, revigorando um sentido de família construído, inventado, no movimento “tornar-se família”. É nesse sentido que você é meu irmão branco.

Por aqui, eu e as minhas mulheres pretas Lara e Giovanna também estamos bem, graças aos Sagrados; Orixás, Exus, Pombagiras, Caboclos, Pretos Velhos, Erês, Duendes, Fadas, Bruxas e Egunguns!!!

Peço então licença e bençãos a toda invisibilidade carregada de presenças que interagem nas nossas Vidas Dançantes, especialmente, nesse momento em que estamos vivendo, nos descobrindo em uma multiplicidade de danças despertadas em nós e que não conhecíamos! Assumimos a atitude de permanecer em dança ao adotarmos, com solidariedade, todas as medidas protetivas no combate a COVID-19, mas no combate também e na mesma proporção de risco, ao “virus SUEP” (vírus socio-político-governamental do SUcateamento do Ensino Público, gratuito e de qualidade)



que está adoecendo a Universidade Pública Brasileira.

Queremos e precisamos reverter esse quadro injusto e perverso! Sabe, Flávio, meu irmão, acredito que somente com SOLIDARIEDADE poderemos sair desse pandemônio, crescidos e mais fortes! Como artistas da dança, SOLIDÁRIOS, combativos e vitoriosos, CRIADORES sobretudo, estamos “descobrimos as vacinas” para podermos curar colegas já adoecidos e, ao mesmo tempo, nos proteger desse “virus SUEP” assolador, mortal e oportunista, que vem levando ao óbito do silenciamento e da invisibilidade os Corpos não privilegiados, tais como os Corpos Pretos, os Corpos Indígenas, os Corpos Trans, os Corpos Mulheres, os Corpos de Pessoas com Necessidades Específicas, os Corpos Gordos, os Corpos Velhos, uma vez que estes Corpos fogem aos padrões sociais hegemônicos vigentes discriminatórios e desiguais!

Nesse contexto, dançar a SOLIDARIEDADE, a força coletiva, constrói narrativas que transformam e enaltecem saberes/fazeres, IRMANADOS de “Axé” - energia carregada de memórias que ganham mobilidade contínua, a partir de olhares para “trás”, para “o aqui e agora” e para “o por vir”.

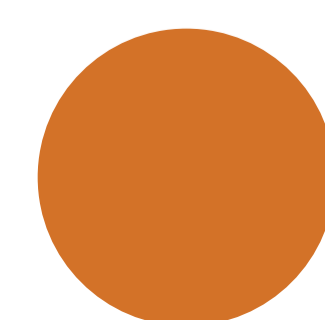
Sua benção meu amigo irmão querido FláviE!!!!!! Que Pai Oxóssi, Mãe Iansã e todos os Sagrados e Profanos

(profano para mim também é sagrado) nos abençoem toda a hora e sempre!!!

Estamos juntEs! Nos encontramos nas tramas de contágios continuamente em dança e onde não há cena pronta. Nossos encontros são sempre espaços de forças e delicadezas, arenas de narrativas em construção, em interação. Adotamos atitudes de SOLIDARIEDADE, como posicionamento político, mobilização de afetos, escuta de memórias e produção de pertencimentos.

Imbuída desse espírito, me lanço diariamente no desafio do trabalho, do ensino, da gestão e da criação via remota, na defesa da ampliação e difusão de concepções que compreendam o sentido de comunidade, de coletivo, de grupo, em toda a complexidade que, magnificamente, envolve o elogio a diversidade, ao diferente, com seus dilemas e paradoxos.

Sigo assim, um cotidiano profissional como gestora pública e artista docente pesquisadora da dança que se confunde com as minhas funções de mãe e avó entre todos os afazeres domésticos. Me certifico, a cada dia mais, que na “Vida” via remota não existe o limiar entre a atividade profissional e doméstica e, se existe, é muito tênue. Eu já não consigo mais separar uma ambiência da outra. Reuniões e mais reuniões... Lives e mais lives...

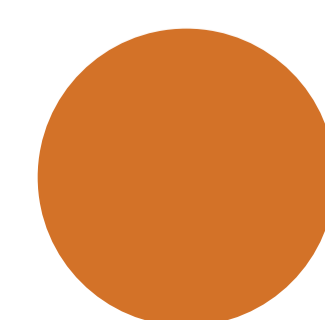


Períodos letivos atípicos, mas que querem nos obrigar a chamar e entender como períodos regulares. Como é que pode????

Isso tudo junto com as minhas amoras lindas, a neta Lara e a filha Giovanna, revezando com a Gi, as funções da casa de faxinar, cozinhar, lavar, passar... Está uma loucura!!!!

Para lidar com essa loucura da “Vida” via remota, me aproprio dela como uma abertura de porosidades, isto é, como mais um campo de possibilidades para nos potencializar, jamais em substituição às dinâmicas presenciais corpo a corpo, as quais são imprescindíveis. Ah, não dá amigo!!! Se o corpo é o nosso existir em expressão, comunicação e emoção, a “afetivização” das relações corpo a corpo são indispensáveis e insubstituíveis nas articulações do ser humano consigo mesmo, com os outros e com os Mundos nos quais coabitamos. Concorda?

Assim, amigo irmão, estou indo, com a certeza de que tudo isso vai passar e voltaremos a nos abraçar e a sentir o calor uns dos outros, ao vivo e a cores, para vivermos os nossos sentidos plenamente, como fomos feitos para viver: ver, ouvir, tocar, sentir os cheiros, degustar, partilhar; experimentar sensações de sentidos ulteriores aguçados quando nos permitimos ver com os ouvidos, ouvir com



olhos, degustar com o nariz, tocar com os olhos, cheirar com os ouvidos, ouvir com as mãos... Ser e estar com toda a nossa plenitude!!!!

Termino aqui essa minha e-carta pra você!

Aguardo o seu retorno e amanhã continuaremos essa troca maravilhosa.

Amor, saúde e paz!

Com minha gratidão, ternura e também muita saudade,
Katya Gualter.

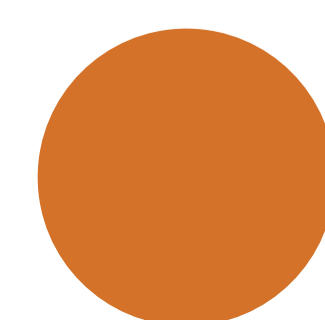
e-CARTA nº3

Santa Maria, 03 de outubro de 2020.

Minha amiga, Katya

que alegria receber sua resposta tão contagiante! Aliás, sua carta chegou para mim como uma prece, ou melhor, como um banho sal grosso com alecrim - para descarregar e reenergizar.

Peço licença aos nosso ancestrais, primeiro aos seus, para que com nossas palavras e atitudes possamos reparar os erros cometidos em nossa história; e depois aos meus, para que eles sigam me auxiliando em minha caminhada como

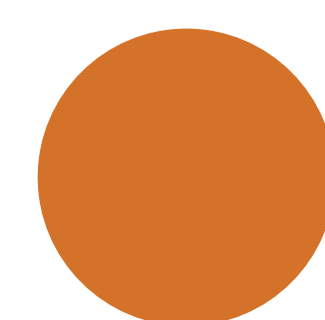


filho, companheiro, pai, artista, pesquisador e professor.

Minha irmã preta, que gratidão poder contar com sua presença e parceria nessa jornada da arte de viver a pesquisa, a extensão e o ensino em Dança. A você peço licença e a sua “bença” - como a gente fala lá de onde venho no interior de Minas Gerais. Quando me lembro de como nos conhecemos, a primeira imagem que vem é de uma figura, meio Pombagira, meio Exu - aliás que meio que nada - duas figuras inteiras dançando intensamente em um vídeo gravado na porta de um casarão nos Arcos da Lapa no Rio de Janeiro. Na realidade a minha impressão é de que, nos idos da minha graduação na UNIRIO, eu certamente tenha ido numa festa naquele mesmo lugar. A imagem na minha cabeça segue viva e, certamente, ela é viva como aquelas duas entidades detentoras dessa força sagrada-profana-sempre sagrada que você bem disse. Concordo muito contigo sobre essa perspectiva de que o sagrado e o profano são dois lados da mesma potência, mas isso já adianta outra conversa que certamente teremos.

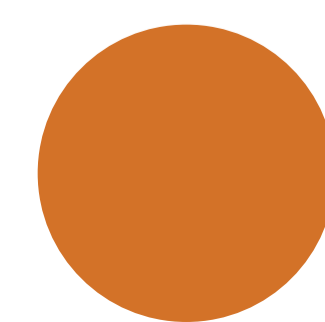
Laroyê, todo o povo de Rua!!!

Quem bom você trazer a lembrança das nossas famílias. Muitas vezes acabamos por não falar sobre, mas no fundo são elas que têm nos dado suporte emocional nesses tempos tão complexos e dolorosos que correm. O trabalho



em casa, como você bem colocou, redimensiona nossa realidade ante as funções da universidade. Funções estas, que por vezes, em tempos normais, insistem em nos sequestrar do convívio familiar, por exemplo, em nossos fins de semanas e feriados. Quantas vezes não somos forçadas a abdicar de um momento em família para finalizar aquele texto ou a leitura daquele trabalho que está com o prazo apertado. Enfim, digo isso pois, nestes quase sete meses de trabalho remoto, percebo que a minha dinâmica mudou drasticamente, o trabalho da universidade aumentou exorbitantemente - acredito que para você também - e a demanda da família fechada em casa na busca por alguma segurança ou blindagem contra o vírus torna-se, inevitavelmente, a primeira na ordem dos afazeres. Será que sou só eu?

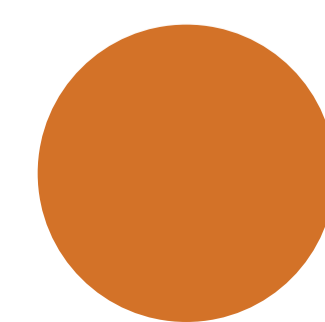
Fico feliz de fazer parte desse coletivo 'multidiversificado' da Dança que vem trabalhando, desde sempre, para a criação dessa vacina contra "vírus sócio-político-governamental", para usar suas palavras, que "vem levando ao óbito do silenciamento e da invisibilidade os Corpos não privilegiados, porque fogem aos padrões sociais hegemônicos discriminatórios e desiguais". Quero reforçar aqui, que acho que esse mal tem assolado nosso país de canto a canto, tanto no que diz respeito ao povo "preto", quanto no que diz respeito aos povos originários, sem falar nos outros



corpos, como você bem listou.

Espero, minha amiga, que nossa proposta para a Mesa 3 do evento ABRACE ON_LINE, possa trazer ainda mais luz para toda essa diversidade. Tenho visto, não só por aqui, mas em vários outros lugares, tanta gente se aproveitando dessas realidades ‘deslembradas’, mas que na hora de abrir espaço para que possamos ouvir o que elas têm a dizer, são muito poucas e poucos os que querem ouvir. Um pouco do mesmo de sempre que tenho, cada vez mais, identificado como formas contemporâneas de manter dinâmicas colonialistas e excludentes.

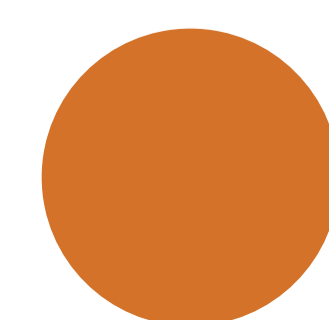
Devo confessar que essa foi uma das atitudes que o método BPI me ensinou, nestes 10 anos de estudo e formação. A alteridade que se propõem nesta abordagem formativa para as artes da cena, se me permite, está na escuta plena e na identificação cinestésica com estes corpos deslembrados, ou ainda, silenciados violentamente por este “vírus sócio-político-governamental” que impera por essas bandas a oeste de Greenwich desde o fim do século XV. Acredito muito no desenvolvimento desta vacina que você nos lembra e me pergunto, será que ela já não está entre nós? Será que já não temos diversas práticas, técnicas, perspectivas, sistemas e método quem vêm operando nessa tentativa de imunizar poética e esteticamente nossa sociedade desde meados do século passado? Digo isso,



pois até onde minhas limitadas buscas e estudos conseguiu alcançar, pelo menos no Brasil, quiçá em toda América Latina, este seria o momento em que há uma dobra ou um retorno mais real às nossas origens e uma valorização dos saberes e fazeres advindos das manifestações e segmentos populares e não institucionalizados. Reforço que quando uso os termos «mais real» e «não institucionalizados» me refiro, para aquele a uma atitude mais respeitosa e menos acumuladora ou colonizadora, e à este a ideia preconceituosa de estabelecer cânones que são dominados por uma determinada parcela da sociedade. O que você acha disso? Será que me fiz entender em meu questionamento?

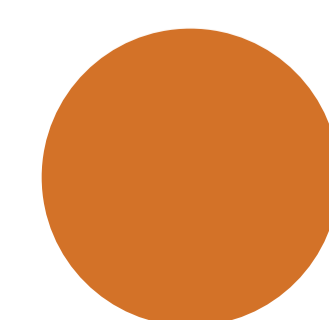
Digo tudo isso, pois tenho me incomodado com como um determinado grupo se vale das perspectivas decoloniais para, mais uma vez, delimitar de forma excludente e exclusivista o que é ou não representante exemplar desta abordagem. Essa atitude, em meu modo de ver, parece ir na contramão das mais diversas discussões suscitadas sobre o decolonialismo, tanto nas artes da cena, como nas demais áreas do conhecimento.

É neste momento que penso como é importante trazermos o diverso, o múltiplo, o plural e etc... para dentro da academia e de suas atuações. É nesse sentido que fiquei muito feliz com a nossa afinação e concordância quanto a proposta do Grupo de Pesquisadores em Dança de levar



para o evento online da ABRACE a fala e reflexão dos três corpos: negro, indígena e não binário. Que a gente possa seguir ampliando e escancarando esses espaços para o diverso.

Avançando um pouco mais, quero te contar sobre como o meu grupo de pesquisa tem atuado por essas bandas daqui do sul. O Grupo que coordeno chama-se Processo BPI: formação e criação em Dança do Brasil e, além dele, tenho um espaço didático denominado Laboratório BPI. O trabalho é desenvolvido a partir de dois projetos, um de pesquisa e outro de extensão, e ambos estão entrelaçados com as atividades que desenvolvo na sala de aula. Em suma trabalho com a ideia de realizar um mapeamento das manifestações culturais e segmentos populares da cidade de Santa Maria e região, e, a partir desse levantamento, convidar os grupos e comunidades para virem contar e compartilhar um pouco sobre seus saberes e fazeres dentro da universidade. Ou seja, busco romper com a ideia de que a universidade é a única instancia sociocultural que possui conhecimentos valiosos e, invertendo a ordem das coisas, convido a comunidade acadêmica a escutar sobre outros modos de pensar e fazer que também são valiosos. A experiência tem sido muito rica, assim como os encontros e trocas têm gerado outras ações e ramificações para além dos muros da própria universidade e isso me encanta.



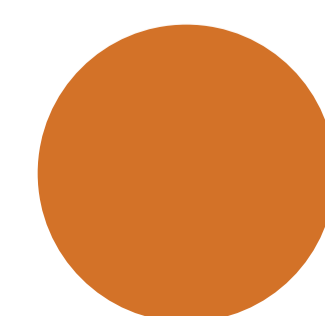
No que tange os modos de pensar e fazer dança, posso te dizer, sem falsa modéstia, quem tem sido lido acompanhar os processos de descoberta e transformações de cada discente que tem se dedicado aos projetos. Preciso confessar que meu processo de formação tem se ampliado a cada novo processo que se desvela em minha frente. Afirmo, sempre que posso para minhas e meus alunos, o quanto aprendo e o quanto espero que isso nunca cesse. No entanto, devo afirmar que tenho sentido muita falta de desdobrar e elaborar meu processo pessoal como bailarino-pesquisador-intérprete. Mas vou deixar este assunto para uma próxima escrita.

Agora, depois deste desabafo todo que acabei fazendo, sinto que preciso ouvir você.

Querida amiga e irmã, Katya, finalizo por aqui minha carta! E rogo as bênçãos dos nossos Orixás, Anjos e Almas santas para você e sua linda família, hoje e sempre!

Com meu carinho e gratidão,

Flávio Campos



e-CARTA nº4

Rio de Janeiro, 04 de outubro de 2020.

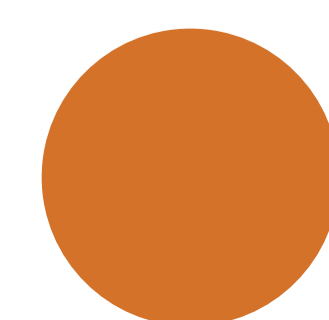
Lindo FlaviE!

Que maravilhoso o seu retorno!!! Percebo muitas congruências nas nossas atitudes e ações.

Nossas conversas que concorreram sobremaneira para a constituição da Mesa 3 do evento ABRACE ON_LINE quebraram com formatos de Mesas nos Congressos e Encontros focados somente nas celebridades acadêmicas protegidas em zonas de conforto histórica e verticalmente criadas pela Academia para perpetuar modos de fazer e pensar, dos Corpos privilegiados das elites.

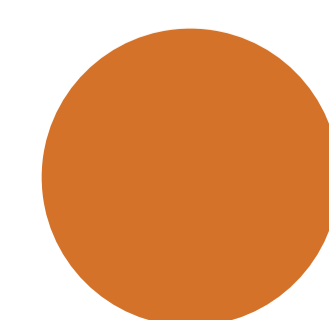
Na contramão dessas zonas de conforto, a nossa proposta é promover e provocar partilhas gerando, de fato, espaços para que possamos ouvir todos os Corpos em suas múltiplas diversidades de etnias, morfologia, gênero, aspectos geracionais, necessidades específicas e maneiras acadêmicas e não acadêmicas de produzir conhecimento, rompendo assim, com formas contemporâneas de manter dinâmicas colonialistas e excludentes.

Quando você fala sobre a importância do BPI na sua Vida, percebo aproximações estreitas com um processo valoroso que vivi ao passar pelos Fundamentos da Dança,



de Helenita Sá Earp. Essa grande Mestreira integrou o corpo docente fundador da primeira Escola Superior Civil de Educação Física do país criada em 1939 - a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil, hoje, Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar das bases militaristas, eugenistas e de embranquecimento sobre as quais a ENEFD foi criada, a Teoria de Helenita Sá Earp preconiza a dança de e para todos os corpos e que, potencialmente, está em todos os lugares, incitando em nós, atitudes poéticas diante dos variados mundos pelos quais transitamos e somos transitáveis, provocados por situações e contextos geradores de tensões, fruições e partilhas. Escrevi um texto para a XI Reunião Científica da ABRACE em 2019, junto com uma grande amiga e parceira da UFRJ Maria Inês Galvão Souza, sobre um trecho importante dessa história.

Ainda que eu não tenha passado pelo BPI, vejo um princípio comum entre o BPI e os Fundamentos da Dança: a Vida precisa ser vivida como sendo uma infinita dança geradora de forças profundas, únicas, intermináveis, incontáveis, dando voz e visibilidade aos corpos “deslembrados” violentamente pela desigualdade socioeconômica e política, a qual, historicamente, os coloca nos lugares rígidos e agonizantes da opressão e da subalternização fortemente

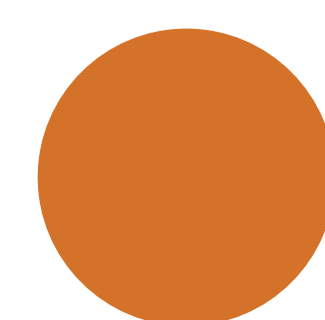


contempladas pelo vírus genocida “SUEP”.

Sim, acredito que a vacina contra o “SUEP” já está entre nós, através das diversas práticas e movimentos que, como o GrupAR (Grupo de Estudos/Trabalho/Pesquisa Ancestralidades em Rede), vêm fomentando a ampliação dos espaços de discussão acerca das tensões, assimetrias e silenciamentos étnico-raciais, identificando narrativas subalternizadas e invisibilizadas ao longo da história, propondo trazer à tona, concepções e óticas sob uma abordagem decolonial do pensamento, da prática pedagógica e da criação artística. Apresentamos (eu e parceiros/as integrantes do grupo Samira Costa, Marilia Rameh, Raphael Arah e Renato Barreto) essa ideia do GrupAR em vídeo e na forma textual escrita, no 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança realizado em 2020.

Mais adiante te explico melhor sobre o GrupAR, ok? Mas o modo como o menciono no parágrafo anterior já anuncia o quão a construção coletiva compõe as suas bases.

Agradeço mais uma vez a você, meu irmão FlaviE, por essa troca de emails, que fortaleceu meus afetos e me deslocou com uma maior atenção e perspicácia, para os meus desafetos institucionais, tornando-os motivadores ainda mais fortes, da confluência de esforços, para a mobilização

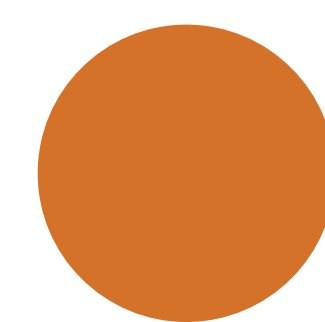


de Corpos binários (mulheres, homens) e Corpos não binários (nem homens, nem mulheres) como coautores de partilhas que compõem o processo de formação continuada.

Aproveito, e peço licença para chamá-lo também de *CorpoPombagira*, pois esse momento deflagra um encontro entre essas potências nas histórias de cada um/a de nós, em cada um/a, que nos provocam deslocamentos, trânsitos por entre fazeres uns/umas dos/as outros/as, em danças de contágios, danças da subversão contra qualquer dominação, arbitrariedade e opressão.

Nessa direção de entendimento, gostaria de convidar você, meu amigo irmão, para um breve passeio pelos caminhos que venho trilhando, propondo fazeres (quando falo fazeres trago junto pensares, sem dicotomias) na interação com a Pombagira, a partir das minhas experiências na relação com uma potência feminina, que responde pelo nome Pombagira Dona Maria Mulambo da Estrada.

Um acontecimento aos nove anos de idade incitou esse meu entendimento sobre o *CorpoKatya*. Ao som dos tambores, cantos e encantamentos inseridos na convivência familiar, vivi, em uma gira de Umbanda, uma experiência, pela primeira vez, de me sentir estranha aos padrões de formas e movimentos que eu assumia na minha rotina. Meu próprio eixo corporal se deslocava, provocando desequilíbrios, com



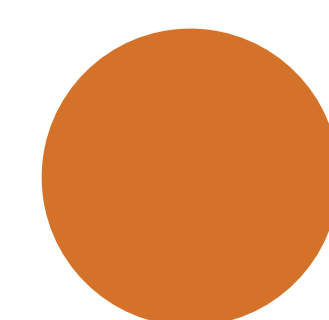
movimentos descoordenados.

Era ela, minha amiga, parceira, companheira – Dona Maria Mulambo!!!

Desde então, as aproximações *CorpoKatya* e Maria Mulambo fluem tornando-se um compartilhamento de tempos, espaços, forças: fluxo ininterrupto de energias que interatuam na duração, ou seja, interação no decurso de cada aproximação que é única.

Foi a partir dessas experiências no campo do sagrado (mais um vez, destaque, para mim, profano também é sagrado) que intuí aproximações entre o corpo poético-dançante e as simbologias da Pombagira expressas em suas danças e lendas. Essa contação, meu querido irmão FlaviE, me convoca a revisitar a minha tese de doutorado “Senhora da Encruzilhada: perspectivas dialógicas da dança com o audiovisual”, conforme farei a seguir.

A experiência fílmica “Senhora da Encruzilhada” (Gualter, Brasil, 2014; 16min) – trabalho processual (em curso) iniciado no doutorado com base nas experiências corpo-câmera - constituiu momentos de culminância, de modo que o filme consiste em um desses momentos, entre as várias outras tantas possibilidades quantas poderão derivar dos diversos momentos do processo de criação e pesquisa, ou seja, tantos momentos de culminância quanto o decurso



do trabalho poderá ainda revelar, constituir.

No processo de produção de *Senhora*, contei com a atuação fundamental do Grupo PECDAN (PEsquisa em Cinema e DANça), fundado em 2007, sob a minha coordenação e da Professora Ana Paula Nunes. Em 2008, produzimos o ensaio audiovisual “MaréMarê” (Gualter & Nunes, Brasil, 2008; 14min). O processo consistiu na busca pela construção de um corpo em trânsito, inspirado nos mitos do orixá de origem africana Oxumaré. Como não se tratou de reproduzir as danças de Oxumaré, os laboratórios corporais e fílmicos foram baseados nas simbologias e características proeminentes nas danças e lendas do orixá, com a finalidade de trazer os mitos para a expressão do movimento, do corpo. Através de seus símbolos calcados na dualidade, Oxumaré se desloca do universo da abstração, da imaterialidade e reconstrói no mundo palpável e visível da matéria, corporalidades diversas, ultrapassando a dimensão física de uma formatação, de uma configuração apenas. A imagem produz um estado de continuidade gestual, mostrando uma superação da rigidez óssea. A dança cria metáforas e analogias com o audiovisual, gerando um novo espaço de convivência interdisciplinar.

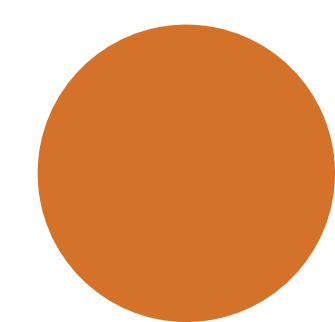
Dando continuidade a essa contação e revisitando a minha tese de doutorado, retomo, meu irmão FlaviE, o fio de *Senhora da Encruzilhada* para seguir e compartilhar

um pouco mais os lugares por onde venho interagindo com a Pombagira descortinando, desarrumando, demolindo, construindo e reinventando trilhas. Seiva feminina que ascende em portais também imaginários, passagens entre o visível e o invisível, a Pombagira transita na cena urbana da contemporaneidade. No filme, a interação corpo-câmera busca a verticalidade e a horizontalidade entrecruzadas. Sucessivas encruzilhadas. Corpos em trânsito livre e contínuo do “ir e vir”, destacando a rosa vermelha, que é o presente mais aclamado pelas Pombagiras, com grande poder de liberação do potencial feminino. Acreditando que os mitos da rosa atualizam seus significados na relação com a Pombagira, trouxe a rosa vermelha no corpo feminino, simbolizando a veia maternal, a sensualidade, fecundidade, doação, nutrição, chegando ao diário e habitual, como a taça da vida, a transcendência, a sabedoria, presença pulsante nos caminhos que se entrecruzam, ou seja, um fluxo de energia que prossegue se dissipando e ao mesmo tempo interagindo. Em expansão contínua no universo onírico das poesias corporais, a rosa legitima a Pombagira como sendo Corpo poético-dançante, habitar da Arte, passagens, trânsito. A rosa torna-se Corpo que ultrapassa o prolongamento motor, ganha uma projeção de Mundos e coabita com os outros corpos cotidianos o lugar da experiência em curso, que exprime continuidade, mudança,

expansão e revolução.

Totalmente contagiada pelo Corpo revolução expresso na Pombagira e seus caminhos em construção, suas moradas inacabadas, venho girando como bailarina, produtora cultural, artista docente, pesquisadora e gestora pública. Nessa gira dançada, nessa dança que gira, me redescubro junto ao GrupAR (Grupo de Estudos Ancestralidades em Rede). As tramas de encontros já produzidas podem ser revisitadas, entre outras possibilidades, através dos vídeos “Partilhas de Saberes” (Gualter & Brêtas, Brasil, 2019, 9min) e “Corporeidades Pretas na EEFD” (Gualter & Brêtas, Brasil, 2020, 10min).

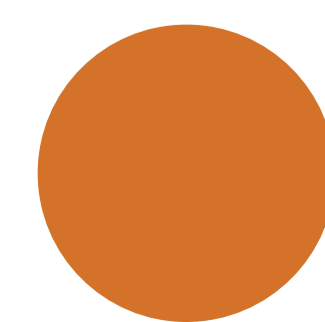
Inaugurado em outubro de 2018, o GrupAR propõe investigar o Corpo Preto como protagonista na formação do *artistapesquisador* em Dança, sob uma perspectiva da criação de espaços de interação dialógica entre produtores de conhecimento acadêmicos e não acadêmicos, atribuindo-lhes equivalente grau de importância. O GrupAR trabalha no fluxo de esforços para a efetivação de espaços de interação dialógica onde os pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos interatuam em equivalente grau de importância e reconhecimento. Nesse horizonte, quatorze instituições integram o GrupAR. A interinstitucionalidade é dotada de sentidos (comunidade, coletividade) e privilegia fluxos contínuos para além dos limites das fronteiras geográficas



e regionais, considerando todos os territórios físicos e simbólicos, bem como as práticas culturais peculiares a cada um deles, ou seja, os seus múltiplos saberes/fazeres.

Estamos falando de Vidas que se prolongam, renovadas em possibilidades de encontros entre os corpos que vieram antes, os corpos aqui/agora e o os corpos por vir... Muito antes do nascimento de um bebê... Durante toda a Vida a partir da fecundação... Para muito além da conhecida morte no senso comum. Estamos falando de Ancestralidades, de trânsito descontínuo, não linear. Estamos falando de um sem número de acontecimentos os quais os contornos físicos não dão conta.

Sigo assim, meu irmão FlaviE, diariamente, potencializada pelos Coletivos com os quais venho interagindo e, nessa divinizada força coletiva, danço também com você, a minha Dança, a nossa Dança, que não pára de girar e percebo que precisamos, devemos continuar dançando a Rosa como sendo Corpo dançante-poético. Nós, *CorpoFlaviEPombagira* e *CorpoKatyaPombagira*, precisamos dar prosseguimento aos contágios, isto é, ser contagiadEs e contagiar a cada nova experiência em que nós *CorposBináriosPombagiras* e *CorposNãobináriosPombagiras* potencializamos o exercício da criação nas diversas práticas e produções em dança, revolvendo a gestão no movimento em dança, como prática da Arte e da Educação.



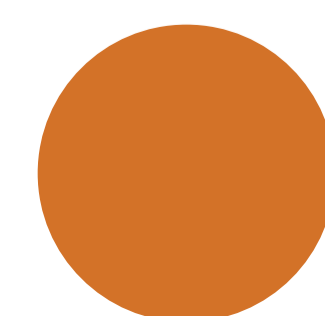
A Universidade precisa girar, precisa “Pombagirar” e, desta forma, transcender os contornos, experimentar deslocamentos e mobilidade de pontos de vista, ver e difundir uma lógica de ética adversa daquela que rege os padrões sociais hegemônicos cruéis, adoecedores e letais do mundo das opiniões onde convivemos. Precisamos ampliar e fortalecer Redes movidas por *CorposPombagiras* contagiados por danças outras que nos convocam a repensar e reinventar modos de ser, de ver e de viver em variados Universos simbólicos, transitando, coabitando, subvertendo a ordem posta, das realidades perversas que nos atravessam, para estabelecermos novas realidades, sob novas noções e vivências no espaço e no tempo!

Gratidão por me confiar um desabafo tão poeticamente rico de questões, fazeres e posicionamentos “girantes”!!! Ao ler as suas cartas, abri uma Gira para conseguir mergulhar nas escritas das minhas cartas e, desde então, não consigo parar de girar com você FlaviE querido!

Acreditamos nas partilhas com todos os seus possíveis, não é verdade? E, por essa razão, precisamos continuar essa Gira de trocas para muito além deste pandemônio e trabalhar em práticas POMBAGIRANTES!!!!

Laroyê!!!!

Com todo o meu carinho e gratidão, termino aqui essa



minha e-carta pra você!

Amor, Saúde e Paz girando na Terra!

Katya Gualter.

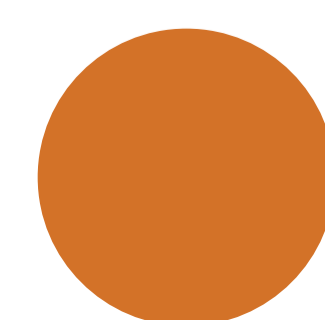
e-CARTA nº 5

Santa Maria, 06 de outubro de 2020

Minha querida Katya,

Sua maravilhosa carta trouxe uma tempestade de emoções e transformações para meu corpo e minha casa. Foi tão intenso que me precisei me deixar espalhar, assentar, decantar, silenciar, para só agora conseguir retomar minha resposta. A sensação é que com suas palavras meu corpo todo se pôs a dançar com todos os conteúdos que ficaram parados desde março deste ano. Precisei me colocar em movimento para conseguir retomar os fios que ficaram desconectados desde que todo esse caos, que não é só sanitário, ou como você mesma disse - e eu concordo - desde que esse “pandemônio” arrombou as portas de nossas casas-corpos.

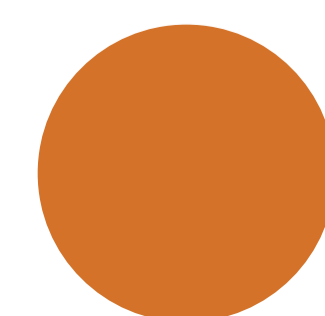
Dancei suas palavras e seguirei dançando, pois elas estimularam e reavivaram o meu fogo - no rabo, na mente e na alma. Quero retomar suas palavras finais



para berrar para tudo e todas: A Universidade precisa girar, precisa “Pombagirar”. Farei desta sua fala meu lema de agora em diante, até a retoma das nossas atividades presenciais. E para tanto, eu te convoco, minha amiga, para pensarmos e divulgarmos amplamente os modos, os comos, os fazeres para que esse Pombagirar possa acontecer desde a virtualidade a qual estamos acometidas. Espero, e espero do fundo da minha alma, que essa seja mais uma de outras tantas ações que possamos fazer para valorizar os saberes e fazeres afro-ameríndios.

Querida amiga, saiba que dancei de corpo e alma suas palavras desde a chegada da sua carta... dancei de muitas maneiras. Dancei na alegria da primeira leitura, dancei no silêncio enquanto suas palavras cheias de força e axé iam decantando no meu corpo. Dancei também na euforia de responder o quanto antes e, até, na impotência de não conseguir responder quando e como idealizei. Nesse mosaico de movimentos materializei a minha imagem para o CorpoPombagira. Via a junção dos muitos caminhos e das muitas caminhadas. Devo dizer que eu vi e vivi a própria encruzilhada e é, desde o meio dela que eu pude encontrar o fio da meada para começar essa minha resposta. A encruzilhada minha amiga, com tudo que lhe é de direito (e de esquerda também).

Minhas palavras começam no giro, no girar, no rodopio

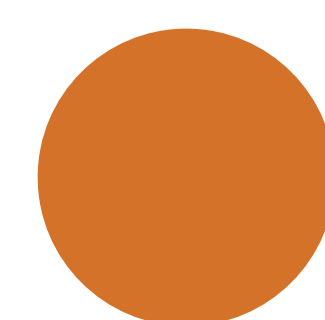


e na gargalhada que a gente pode dar para a gente mesmo. Rio sempre da minha trajetória de mim mesmo, eis uma faceta que talvez a gente precise explorar mais. Dei muitas voltas até chegar aqui e elas foram necessárias. Fico pensando no seu vídeo MaréMarê de 2008, e me dou conta que neste ano eu estava terminando minha graduação da UNIRIO. E mais, eu trabalhava com um grupo e uma das integrantes era aluna do Curso de Dança da UFRJ. É curioso pensar que estávamos tão próximos e ao mesmo tempo tão longe. Nesse mesmo ano, eu trabalhava com o meu alter ego - Sheyla - no processo de criação performativa que denominei “Tentativa’s em Deus”. Não vou me prolongar na descrição desse processo, mas vale ressaltar que ali havia um corpo em trânsito. Ou melhor, um corpo que transitava entre muitas emoções, sensações e sentimentos, mas que calçava o salto alto e saia rezando, cantando, contando casos eróticos, bebendo e experimentando um giro para unir o sagrado e profano dentro de mim. Volto nesta história, pois ela me marca profundamente. Ela diz de um rito de passagem e de libertação, ou ainda, o ato de expurgar e responder aos intentos hegemônicos de uma educação pautada pela moralidade judaico-cristã e machista.

Conto-lhe sobre isso, pois a sua descrição do MaréMarê me levou de volta ao meu último trabalho na graduação

em Cênicas. Momento em que já começava a me aproximar de uma vontade enorme de ser e saber mais desse corpo brasileiro que dança com tudo que pode e que tem. Nesse sentido sou bem exagerado e não escondo minha ingênua utopia. Característica que, devo confessar, me move até os dias de hoje. O mais engraçado é que, guardadas as devidas proporções, estávamos no mesmo lugar e no mesmo momento, quiçá, falando sobre coisas bem próximas e, ainda assim, não nos encontramos. Mas as Senhoras e os Senhores das Encruzilhadas nos guardavam outros momentos.

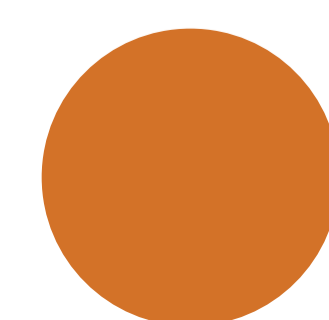
O meu interesse em saber mais sobre este corpo brasileiros e suas pluralidades é que me levou até o método BPI e de lá para cá foram muitas as transformações e aprendizagens. Com o método BPI aprendi a valorizar e respeitar as experiências que outrora eu negava e rejeitava. Com o olhar atencioso e perspicaz da Graziela, eu pude reorganizar aspectos obscuros e os mais iluminados da minha formação como um todo (RODRIGUES, 2003 e 2005). Assim que cheguei no Grupo de Pesquisa BPI e a Dança do Brasil, percebi que havia um modo de escuta do e para como o outro que era diferente. Minha opinião importava, assim como a de todas as pessoas que estavam ali. Todas (insisto no feminino para romper com o machismo estrutural que se impõe como genérico) participavam e eram ouvidas.



Isso, de pronto, me trouxe uma reorganização do meu corpo, pois eu já não precisava berrar para dar minha opinião. Foi ali que percebi que havia uma renovação das relações interpessoais e dizia, ainda, de uma regeneração da relação de cada pessoa consigo mesma. É dessa observação que surge meu estudo de mestrado: pensar sobre as relações afetiva dentro do processo formativo do método BPI (CAMPOS, 2012).

Hoje tenho trabalhado com meu grupo de pesquisa aqui da UFSM tendo como princípio os referenciais que averigui e analisei nas produções bibliográficas basilares do BPI. E olho com muito carinho para o que consegui elaborar ali, pois diz muito, não só sobre o BPI e seus aspectos didáticos e poéticos, mas também sobre o grupo que segue desenvolvendo e se aprofundando nele. Junto do meu grupo tenho sentido vontade de retomar neste estudo de mestrado. Tem algo ali para desdobrar ainda mais, ou melhor, girar um pouco mais.

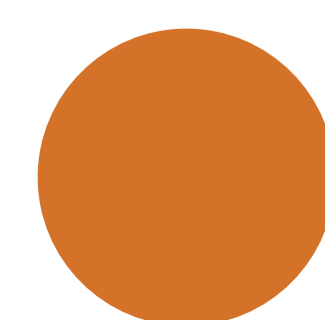
Verdade seja dita, o mestrado foi um trampolim importante para que eu pudesse entrar de corpo e alma no Processo BPI. Ponto este que me levou a elaborar uma proposta para o doutorado que contemplava a experiência com o Co-habitar com a Fonte. Ousei pensar sobre a possibilidade de definir aspectos da estética do BPI. Foi um desafio incrível e que me trouxe mais concentração e



enraizamento no BPI - finalizei o processo com uma personagem dentro do BPI que, de certa forma e mais uma vez, entrecruza o sagrado e o profano no meu corpo. A diferença é que agora tenho um processo consolidado e sou capaz de aplicá-lo e utilizá-lo com segurança em outros processos formativos. Defendi o doutorado em 2016 (CAMPOS, 2016) e, junto com o Núcleo BPI, parti para o desafio de criar coletivamente. O processo coletivo resultou no espetáculo “O corpo como Relicário” (2017) com direção de Graziela Rodrigues e assistência de Paula Caruso.

A minha personagem é o velho Joaquim que tem um Diabo. Ora o velho carrega o Diabo, ora o Diabo carrega o Velho. A história dos dois vem de muito tempo, tem o tempo do mundo. Um dia o Velho cuidou do Diabo que tinha acabado de nascer. O tempo foi passando e com ele o peso dos anos foram chegando. O Diabo cresceu e o Velho já não anda mais. Tudo isso se dá no pé de um Cruzeiro e o Diabo não pode ouvir um Congado que sai dançando até o sol raiar. No fundo o Diabo e o Velho são um só.

O processo segue vivo e já se desdobrou em muitas performances, tanto aqui na UFSM, como em outros eventos. Além das possibilidades de mostras artísticas, tenho utilizado o trabalho para fazer desmontagens cênicas, me valendo do aspecto “performance pedagógica” apresentado

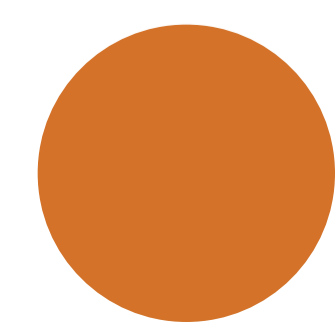


por Ileana Dieguez (2014). Ter esta possibilidade tem enriquecido ainda mais o meu trabalho na sala de aula, auxiliando no processo de autoconhecimento que trabalho a partir de aspectos do Inventário no Corpo do Método BPI. Mas isso fica para outra conversa.

Minha querida amiga, fico lisonjeado como a sua fala e afirmação da existência de um CorpoFlaviEPombagira. E mais feliz eu fico com a possibilidade de poder me aproximar em dança desse seu CorpoKatyaPombagira. E espero muito podermos seguir realizando encontros e revoluções pelas encruzilhadas em que passarmos. Que possamos com nossas Giras dançar e possibilitar que outros corpos se libertem desses claustros froçados e trados como paradigmas absolutos da verdade.

Querida Katya, eu me coloco à sua disposição para seguirmos produzindo novas possibilidades de encontros. Penso que nossas cartas podem seguir por infinitas paragens. Acho, inclusive, que esta é uma das características desses CorposPombagiras, ou seja, nunca nos falta ar, muito menos movimentos para dançar. E assim a gente segue! Ou como diz o Velho Joaquim-Diabo: “Vamo com Deus, Nossa Senhora e o Capeta atrás tocando viola!”

Minha irmã, quero agradecer imensamente pela parceria travada até aqui e por você ter aceitado compor junto



mais esse feito.

Com meu abraço e gratidão me despeço na esperança de possamos nos ver em breve.

A sua benção! Saravá!

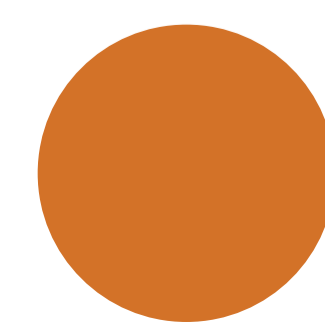
Flávio Campos

__REFERÊNCIAS

CAMPOS, F. **O método BPI e sua estética: noções advindas da análise de experiências processuais em artes da cena.** 2016. 291 p. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

CAMPOS, Flávio. **Rede de Afetos: as relações afetivas vivenciadas pelo sujeito no processo de formação e de criação cênica do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI).** 2012. 150 p. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

DIÉGUEZ, Ileana. **Desmontagem Cênica.** In: Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, v. 1, n. 1, 24 jul. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/27217> Acesso em: 06/10/2020.



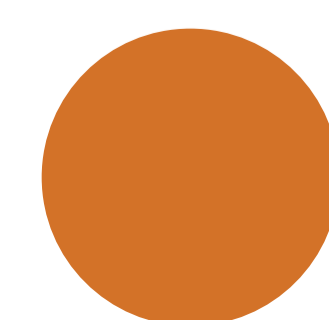
GUALTER, Katya Souza. **Senhora da Encruzilhada: perspectivas dialógicas da dança com o audiovisual.** In: REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP, 2014, Campinas. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/pos-graduacao/dissertacoes-e-teses/> Acesso em 06 de outubro de 2020.

GUALTER, Katya Souza; SOUZA, Maria Inês Galvão. **Corpos em dança: deslocamentos de tempos e espaços.** In: ANAIS DA XI REUNIÃO CIENTÍFICA ABRACE, 2019, Campinas. Anais eletrônicos. UNICAMP, 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4540/4614> Acesso em: 06 de outubro de 2020.

GUALTER, Katya Souza; COSTA, Samira Lima da; BRAGA, Marília Rameh Reis de; BARRETO DA SILVA, Renato Mendonça; SILVA, Raphael Luiz Barbosa da. **Corporeidades pretas em trânsito: expandindo e firmando territórios.** In: ANAIS DO 6º CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 2020. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2020. No prelo.

RODRIGUES, G.E.F. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de formação.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005. 182 p.

RODRIGUES, G.E.F. **O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o Desenvolvimento da Imagem Corporal:**



reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo asseado neste método. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

VÍDEOS CITADOS

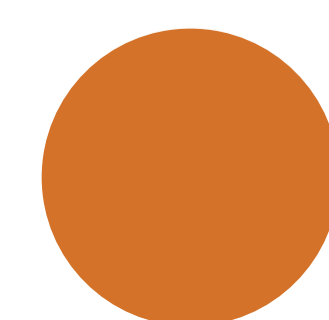
MaréMarê (Gualter & Nunes, Brasil, 2008, 14min). Disponível em <https://youtu.be/fdn7eLsvoOk> Acesso em 08 de outubro de 2020

Senhora da Encruzilhada (Gualter, Brasil, 2014, 16min). Disponível em https://youtu.be/W_TPdgndqYY Acesso em 08 de outubro de 2020

Partilhas de Saberes (Gualter & Brêtas, Brasil, 2019, 9min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GfbjnQwtTSk&feature=youtu.be>. Acesso em 08 de outubro de 2020

Corporeidades Pretas na EEFD (Gualter & Brêtas, Brasil, 2020, 10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38MuhyMwbdk&feature=youtu.be> Acesso em 08 de outubro de 2020

O Corpo como Relicário (Rodrigues, Teixeira, Turtelli, Costa, Cálipo, Campos, Floriano, Jorge & Alleoni, 2017, 47min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xkAUCYbMv0g&t=11s> Acesso em 08 de outubro de 2020.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

